

Pesca artesanal:

O VELHO CONTRA O NOVO

Com mais de uma centena de botes (incluindo Calheta, Ribeira da Prata, Porto Formoso e Biscainho) a zona do Tarrafal foi eleita primeira prioridade pelas autoridades nacionais responsáveis pelo desenvolvimento da pesca.

Na baía de Chão Bom visitámos a estação de salga e salmoura de peixe que a SCAPA (Sociedade de Comercialização e Apoio à Pesca Artesanal) aí tem em construção. Essa estação, dizem-nos os responsáveis, destina-se a servir a Vila do Tarrafal (ela só com mais de trinta botes), Chão Bom e Ribeira das Pratas e «pode dar a sensação de sobre-dimensionamento», com os seus três pavilhões esperando betão. Contudo, diz-nos o Director Nacional das Pescas, Humberto Bettencourt, essa dimensão foi pensada com olhos num futuro de dez ou vinte anos, contando que os pescadores do Tarrafal deixarão de «pescar à pai Adão» (expressão de Arcádio Monteiro).

O Tarrafal está já neste momento, através da SCAPA, contribuindo para o abastecimento em peixe da Praia, juntamente com Porto Mosquito e Rincão. O peixe é trazido por viaturas da SCAPA que já efectuou encomendas de material fabricante de gelo para acondicionar o peixe em caixas de fibra de vidro (da fábrica de S. Vicente) em que poderá chegar fres-

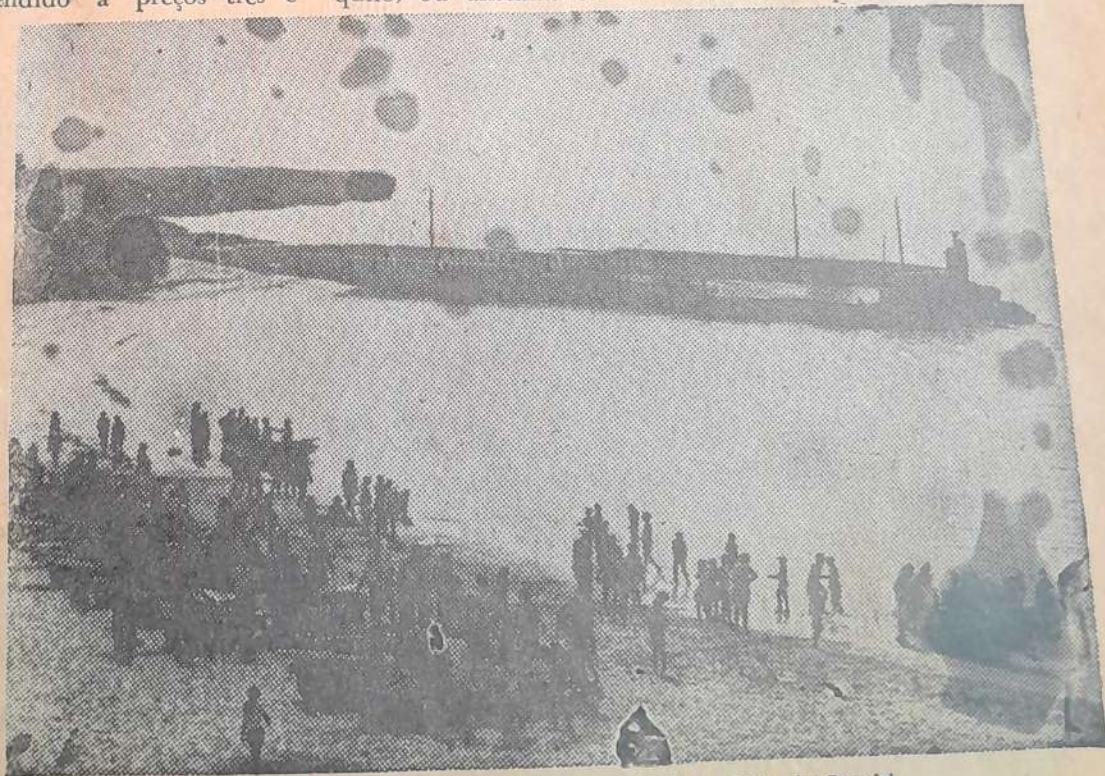
co ao interior de Santiago e mesmo às outras ilhas.

É evidente que a passagem da fase de «pesca à pai Adão» a uma fase mais avançada de produção não se poderia fazer em toda a doçura, sem resistência de interesses que, mesmo estando em contradição com os interesses gerais dos pescadores, nem por isso deixam de encontrar o seu apoio. A zona do Tarrafal foi justamente aquela em que essa contradição se manifestou com mais agudeza, na fase inicial, informou-nos Humberto Bettencourt. A especulação praticada pelas revendedeiras que serviam de peixe as zonas do interior, onde era vendido a preços três e

quatro vezes superiores ao pago àqueles que gastam horas e riscos para o tirar do seu elemento natural, reagiu naturalmente contra o surgimento de um esquema de comercialização que, além de garantir aos pescadores a colocação de todo o pescado, beneficia o consumidor, pondo em causa uma função, outrora imprescindível.

«Duas alternativas foram oferecidas pelas autoridades às revendedeiras de peixe do Tarrafal «disse-nos Humberto Bettencourt. «Controle absoluto dessa operação, tanto na compra como no local de revenda, tendo sido fixada uma margem de lucro não superior a três escudos por quilo, ou alistamento nu-

ma frente de trabalho especificamente aberta para esse fim pelas autoridades administrativas». Segundo o responsável nacional das pescas, há informações de que essa segunda alteração está sendo amplamente seguida pelas rabidantes, que desistiram dessa actividade por não considerarem que compense o esquema imposto. E os pescadores que, numa perspectiva imediatista, hesitaram inicialmente em vender o seu peixe à SCAPA, «subornados» pelos altos «preços de guerra» oferecidos pelas rabidantes à custa do consumidor, aderiram à iniciativa governamental, que mais não visa senão assegurar a rentabilidade da sua difícil profissão.



A chegada dos botes movimenta a praia do Tarrafal